



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
**CAMPUS DE PASSO FUNDO**  
**CURSO DE MEDICINA**

**GABRIEL DILL RIZZATTO**

**AUTOMEDICAÇÃO EM ACADÊMICOS DE GRADUAÇÃO**

**PASSO FUNDO**  
**2019**

**GABRIEL DILL RIZZATTO**

**AUTOMEDICAÇÃO EM ACADÊMICOS DE GRADUAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de bacharel em Medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul.  
Orientador: Prof<sup>a</sup> Me. Daniela Teixeira Borges

**PASSO FUNDO**

**2019**

## Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Rizzatto, Gabriel Dill Automedicação em acadêmicos de graduação / Gabriel Dill Rizzatto. -- 2019. 43 f.

Orientadora: Me. Daniela Teixeira Borges.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Medicina, Passo Fundo, RS , 2019.

1. Automedicação em acadêmicos de graduação. 2. Estudo de prevalência. I. Borges, Daniela Teixeira, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**GABRIEL DILL RIZZATTO**

## **AUTOMEDICAÇÃO EM ACADÊMICOS DE GRADUAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul

Orientadora: Prof. Me. Daniela Teixeira Borges

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Me. Daniela Teixeira Borges

---

Prof. Me. Felipe Antonio Girardi

---

Prof. Tiago Teixeira Simon

### **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha família, Marlene, Luiz e Lucas, pelo companheirismo e apoio incondicionais.

## **RESUMO**

Trata-se de um trabalho de conclusão de curso para a obtenção de título de Bacharel em medicina pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Passo Fundo, realizado pelo acadêmico Gabriel Dill Rizzato, sob orientação da professora Me. Daniela Teixeira Borges. O objetivo do estudo é descrever a prevalência de automedicação em estudantes de graduação e fatores associados. O trabalho está em acordo com o Manual de Trabalhos Acadêmicos da Universidade Federal da Fronteira Sul, 2ª edição, revisado e atualizado no ano de 2015. Essa pesquisa foi desenvolvida na cidade de Passo Fundo, no estado de Rio Grande do Sul, no período de agosto de 2017 a junho de 2019. O trabalho é composto por quatro volumes, sendo o primeiro do projeto, desenvolvido na disciplina de Pesquisa em Saúde do 5º (quinto) nível do curso, de agosto a dezembro de 2017, projeto esse intitulado “Automedicação em acadêmicos de graduação”. Já o segundo diz respeito ao relatório da pesquisa sobre o andamento e coleta de dados do projeto, desenvolvido na cadeira de Trabalho de Conclusão de Curso I, do 6º (sexto) nível, que foi cursada em agosto a dezembro de 2018. O terceiro volume diz respeito ao artigo científico gerado através dos resultados da coleta de dados. O quarto engloba considerações finais, sendo os últimos dois desenvolvidos na cadeira de Trabalho de Conclusão de Curso II, do sétimo nível, no período de março a julho de 2019.

**Palavras-chave:** Prevalência. Automedicação. Estudantes.

### **ABSTRACT**

This is a work to complete med school and obtain a Bachelor of Medicine degree from Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Passo Fundo, a federal university in the city of Passo Fundo, Brazil. The academic Gabriel Dill Rizzato, under the supervision of Professor Me. Daniela Teixeira Borges, conducted the study. The aim of the study is to describe the prevalence of self-medication in undergraduate students and associated factors. The work is in agreement with the “Manual de Trabalhos acadêmicos da Universidade Federal da Fronteira Sul” (Manual of Academic Works of the Universidade Federal da Fronteira Sul), 2<sup>nd</sup> edition, revised and updated in 2015. This research was conducted in the city of Passo Fundo, in the state of Rio Grande do Sul, Brazil, in the period of August 2017 to June 2019. The work is composed of four volumes, the first being the project, developed in the discipline of “Pesquisa em Saúde” (Health Research) of the fifth level of the course, from August to December 2017. The title of the project was “Self-medication in undergraduate academics.” The second part concerns the research report on the progress and data collection of the project, developed in the discipline of “Trabalho de Conclusão de Curso I” (undergraduate final project I), of the sixth level, which was taken in August to December of 2018. The third volume refers to the elaboration of the scientific article generated through the results of data collection. The fourth includes final considerations. The last two volumes were developed in the discipline of “Trabalho de Conclusão de Curso II” (undergraduate final project II), of the seventh level of the course, from March to July 2019.

**Keywords:** Prevalence. Self-Medication. Students.



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2.....	10
<b>DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>10</b>
2.1. <b>PROJETO</b> <b>DE</b>	<b>10</b>
<b>PESQUISA.....</b>	<b>10</b>
2.1.1. RESUMO.....	10
2.1.2. TEMA.....	11
2.1.3. PROBLEMA.....	11
2.1.4. HIPÓTESES.....	11
2.1.5. OBJETIVOS.....	11
2.1.5.1. OBJETIVO	12
GERAL.....	14
2.1.5.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
2.1.6. JUSTIFICATIVA.....	14
2.1.7. REFERENCIAL	15
TEÓRICO.....	15
2.1.8. METODOLOGIA.....	16
2.1.8.1. TIPO DE ESTUDO.....	16
2.1.8.2. LOCAL DE PERÍODO DE REALIZAÇÃO.....	17
2.1.8.3. POPULAÇÃO E AMOSTRAGEM.....	17
2.1.8.4. VARIÁVEIS, INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS E	19
LOGÍSTICA.....	25
2.1.8.5. PROCESSAMENTO, CONTROLE E QUALIDADE DOS	25
DADOS.....	25
2.1.8.6. ASPECTOS ÉTICOS.....	25
2.1.9. RECURSOS.....	25
2.1.10. CRONOGRAMA.....	26
2.1.11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27
2.1.12. APÊNDICES.....	30
2.2. <b>RELATÓRIO</b> <b>DE</b>	<b>41</b>
<b>PESQUISA.....</b>	<b>42</b>
2.2.1. APRESENTAÇÃO.....	

2.2.2.

DESENVOLVIMENTO.....

2.2.2.1. LOGÍSTICA DA COLETA DE  
DADOS.....

2.2.2.2. PERÍODO DA COLETA DE  
DADOS.....

ANEXO A.....

ANEXO B.....

**3. ARTIGO  
CIENTÍFICO.....**

**4. CONSIDERAÇÕES  
FINAIS.....**

ANEXOS.....

## 1. INTRODUÇÃO

A automedicação consiste na utilização de medicamentos com o objetivo de tratar sintomas e desordens reconhecidos pelo próprio usuário, além do uso intermitente ou contínuo de um medicamento indicado por médico para doenças crônicas ou sintomas recorrentes e a reutilização de receitas antigas (*WORLD HEALTH ORGANIZATION*, 2000). Os problemas da automedicação incluem aumento da resistência bacteriana (BENNADI, 2014), autodiagnóstico impreciso, escolha incorreta da terapia, não reconhecimento de contraindicações e interações de fármacos, uso prolongado e risco de dependência (*WORLD HEALTH ORGANIZATION*, 2000).

Sabe-se que a automedicação é uma prática potencialmente perigosa na medida em que nenhum medicamento é inofensivo ao corpo humano. Mesmo o uso de substâncias vistas como banais pela população, como, por exemplo, os analgésicos, podem causar adversidades, tais como reações de hipersensibilidade, dependência, hemorragia digestiva, sintomas de retirada e aumento de risco para algumas neoplasias (VITOR *et al*, 2008).

As razões para esse costume podem incluir o julgamento da banalidade da doença, havendo, assim, uma crença da não necessidade de consulta ao médico (GUPTA e SINGH, 2016), falta de tempo para visita a um profissional, dificuldade de acesso ao serviço de saúde e o fácil e livre acesso a fármacos sem prescrição nas farmácias.

No Brasil, encontrou-se uma prevalência na automedicação de 16,1%, sendo mais frequente no sexo feminino. Os analgésicos e os relaxantes musculares foram os mais consumidos. A maioria dos fármacos (65,5%) usados por automedicação são classificados como isento de prescrição (ARRAIS *et al*, 2016). Já em uma universidade de Goiás, verificou-se uma prevalência de 38,8% em estudantes de enfermagem, sendo a fonte geradora da informação o próprio estudante (54,1%) e o fator determinante a falta de tempo para ir ao médico (50%) (SOUZA *et al*, 2011).

Nesse sentido, é importante o reconhecimento da automedicação como um problema de saúde pública, visto os riscos desse ato. Essa prática é particularmente impactante entre estudantes de nível superior, por terem acesso a mais conhecimento do que a população em geral e agirem como formadores de opinião nas comunidades em que se inserem. É de grande importância especificamente em acadêmicos da área da saúde, na medida em que eles têm uma instrução mais aprofundada sobre diversas doenças e medicamentos, acesso à literatura e consulta a outros estudantes para se autodiagnosticar e automedicar. Os acadêmicos da área são futuros profissionais que prescreverão drogas diariamente, assim é de suma relevância a

obtenção da mentalidade desse público sobre o uso racional de medicamentos (GUPTA e SINGH, 2016; BADIGER *et al*, 2012). Dito isso, esse trabalho foi planejado com o objetivo de identificar uma possível interferência entre o conhecimento obtido na faculdade de medicina e a prática de automedicação, comparando a automedicação nesses graduandos em relação aos de outras áreas do conhecimento como as humanas e exatas.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1. PROJETO DE PESQUISA**

#### **2.1.1. RESUMO**

Trata-se de um estudo do tipo transversal, descritivo e analítico no qual o objetivo principal é de relatar a prevalência de automedicação em acadêmicos de graduação. Para isso, serão entrevistados, via questionário eletrônico, alunos de 2 (dois) cursos distintos (arquitetura e urbanismo e medicina) de 2 (duas) áreas diferentes do conhecimento, de 2 (duas) instituições de ensino diferentes. A amostragem será feita de maneira aleatória simples, considerada em 408 participantes, conforme cálculo realizado estimando 20% de prevalência para automedicação no tempo de resgate da prática (seis meses). O questionário elaborado especificamente para essa pesquisa, sendo que as variáveis independentes analisadas serão idade, sexo, renda familiar, curso e instituição de ensino, enquanto a variável dependente considerada será a de automedicação nos últimos 6 (seis) meses, caracterizada quanto a: motivo da automedicação; frequência, medicamento usado; indicação e percepção de risco da prática.

Sendo a automedicação uma prática comum, há necessidade de pesquisas que relatem sua prevalência no meio acadêmico, visto que é um público privilegiado em acesso ao conhecimento e por serem possíveis formadores de opinião na sociedade, principalmente em relação aos estudantes de medicina, já que prescreverão drogas aos seus pacientes, sendo necessário obtenção da mentalidade a respeito da automedicação desse público.

Palavras-chave: Automedicação. Acadêmicos. Graduação.

#### **2.1.2. TEMA**

Automedicação em acadêmicos de graduação das áreas de saúde, exatas e humanas.

#### **2.1.3. PROBLEMA**

**2.1.4.** Qual a prevalência de automedicação em acadêmicos de graduação das áreas de saúde, exatas e humanas?

#### **2.1.5. HIPÓTESES**

A prevalência de automedicação na população estudada varia de 16,1% (ARRAIS *et al*, 2016) a 92% (BADIGER *et al*, 2012);

A prevalência de automedicação é maior nos graduandos da área da saúde se comparado aos graduandos das áreas de exatas.

## **2.1.6. OBJETIVOS**

### **2.1.5.1. OBJETIVO GERAL**

Descrever a prevalência de automedicação em acadêmicos de graduação nos cursos de duas diferentes áreas do conhecimento.

### **2.1.5.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Verificar se há diferença na prevalência de automedicação entre os cursos de arquitetura e urbanismo e medicina de duas instituições de ensino superior;

Constatar fatores associados à automedicação;

### **2.1.7. JUSTIFICATIVA**

Por ser uma prática potencialmente perigosa e comum em escala global, a automedicação deve ser estudada, dada o seu impacto na saúde pública. Nesse sentido, torna-se relevante a existência de trabalhos e pesquisas que esclareçam sua prevalência no meio acadêmico, visto que se trata de um público privilegiado no aspecto de acesso ao conhecimento, conhecimento esse que será difundido à sociedade no geral quando os acadêmicos estiverem ocupando seus futuros cargos profissionais, principalmente em relação aos futuros médicos.

A proposta desse estudo é elucidar a prevalência e fatores associados a automedicação em acadêmicos, visando contribuir para a comunidade científica e social com questões relevantes a respeito da prática automedicação por parte dos graduandos.

### **2.1.8. REFERENCIAL TEÓRICO**

A automedicação, segundo *World Health Organization (WHO)* (2000), é a prática que consiste na utilização de medicamentos visando tratar sintomas e doenças que o próprio indivíduo reconhece. O uso de prescrições antigas sem uma nova consulta também é considerado nesse conceito. Uma prática responsável de automedicação poderia auxiliar a diminuir a demanda e custo aos sistemas de saúde, nos casos de doenças ou sintomas menores que não necessitariam de consulta ao médico (*WORLD HEALTH ORGANIZATION*, 2000), desde que direcionada através de programas que visem conferir autonomia, independência e

conhecimento ao usuário quanto sua própria terapia (KELLY, 1994). Segundo Vilarino *et al* (1998), é impossível cessar essa prática, sendo necessário uma adaptação por parte da sociedade, através da divulgação de informações científicas sobre medicamentos de venda livre, sem incentivar o consumo desenfreado, ao mesmo tempo em que releva os pontos positivos de uma consulta médica antes de uma terapia.

Por outro lado, os potenciais problemas desse hábito não devem ser desconsiderados. A discussão sobre as possíveis complicações da automedicação também é frequente na literatura. Algumas das relatadas incluem diagnóstico ou escolha terapêutica incorretos, efeitos adversos dos fármacos (tais como hemorragias digestivas, aumento de risco para alguns tipos de neoplasia, reações de hipersensibilidade [VITOR *et al*, 2008]), interações medicamentosas, risco de dependência e abuso, dosagem inadequadas e interações com alimentos (*World Health Organization*, 2000).

Esse tema vem sendo discutido na comunidade científica há um bom tempo, mas o debate cresceu na última década. De acordo Filho *et al* (2002), questões culturais e econômicas têm contribuído para o aumento das taxas de automedicação em todo o mundo, tornando-a um problema de saúde pública. Outro fator que pode afetar as taxas de automedicação é a possibilidade de compra sem receita médica nas farmácias de alguns medicamentos (analgésicos e antitérmicos, por exemplo) (VITOR *et al*, 2008). A propaganda das indústrias farmacêuticas em revistas, televisão e outros meios também foi ligada a uma maior taxa de consumo de medicamentos e automedicação entre estudantes do nível superior (BURAK e DAMICO, 2000).

Outro fator importante em que a automedicação interfere é na resistência antimicrobiana associada ao uso indevido e irresponsável de antibióticos, na medida a terapia inapropriada contribui para a criação de patógenos resistentes a esse tipo de droga (BENNADI, 2014). Um estudo em Joinville, SC, relata que atores escalados para a pesquisa tiveram sucesso em 74% das vezes nas quais tentaram obter antibióticos para um familiar em farmácias sem a prescrição médica (VOLPATO *et al*, 2005), demonstrando a facilidade de obtenção desses fármacos sem receituário.

Estudos que descrevem a prevalência e fatores associados da automedicação são imprescindíveis, visto que fornecem dimensão dessa prática. Uma pesquisa realizada com base nos dados da Pesquisa Nacional de Acesso, Utilização e Promoção do Uso Racional de medicamentos (PNAUM), com uma amostra de 41.433 pessoas, demonstrou uma prevalência de 16,1% da automedicação no Brasil (ARRAIS *et al*, 2016). Já em um estudo conduzido em Bambuí, MG, com base populacional de 15.000 pessoas, encontrou-se que 17,2% dos entrevistados relatou ter consumido tanto medicamentos prescritos e não prescritos e 28,8%

consumiram exclusivamente não prescritos nos últimos 90 dias. Os não prescritos mais consumidos foram analgésicos/antipiréticos (FILHO *et al*, 2002). Na cidade de Porto Alegre, RS, constatou-se, em um estudo transversal, que a ocasião de maior prática de automedicação foi a dor de cabeça, sendo que a maioria é influenciada pelos pais ou familiares para o consumo sem prescrição (VITOR *et al*, 2008). Em outra cidade do Sul do Brasil, Santa Maria, 76% dos entrevistados que utilizaram fármacos o fizeram por automedicação, sendo o ácido acetilsalicílico (AAS) o mais consumido (VILARINO *et al*, 1998).

A questão torna-se especialmente importante nos acadêmicos da saúde, considerando, como já citado, que o hábito da automedicação tem riscos graves, não só para os estudantes, mas também para o público a quem eles possam sugerir terapia. Um estudo conduzido entre acadêmicos de medicina na Índia demonstrou resultados de 92% na taxa de automedicação entre esse grupo, sendo que 39% retirou a informação da terapia em livro-texto. Desse percentual que relatou praticar automedicação, 63% já sugeriu medicações para amigos, família ou colegas de faculdade. Ainda, uma parcela considerável dos estudantes (32,6%) relatou não ter consciência dos efeitos colaterais das drogas que utilizavam como automedicação (BADIGER *et al*, 2012). Já em uma pesquisa realizada no Irã, comparando-se o uso de antibióticos entre estudantes de medicina e de outros cursos, 42% dos acadêmicos da área médica relataram o uso desse fármaco em automedicação nos últimos três meses, contra 48% dos acadêmicos de outros campos do conhecimento (SARAHROODI *et al*, 2010). Nesse sentido, é perigoso a questão da automedicação entre os estudantes de medicina, na medida em que esse hábito pode influenciar suas decisões como futuros médicos (SONTAKKE *et al*, 2011). Ainda, Badiger *et al* (2012) descreve que esses estudantes têm fácil acesso não só à informação sobre drogas, mas também às próprias medicações, na medida em que “O Jaleco Branco” garante aquisição de fármacos sem esforço nas farmácias.

Nessa lógica de automedicação no meio acadêmico, foi realizada uma pesquisa na Índia com o propósito de identificar diferenças entre automedicação no primeiro e terceiro ano do curso de medicina. O resultado foi uma prevalência muito parecida de automedicação entre os dois grupos (78 e 74%, respectivamente), sugerindo que o fácil acesso à informação por outras vias pode ter influência na automedicação (SONTAKKE *et al*, 2011). Em contrapartida, um estudo conduzido na Nigéria mostrou muita discrepância nas taxas de automedicação com antibióticos entre acadêmicos dos cursos de farmácia e medicina com os de artes, ciências sociais e engenharias, no qual o primeiro grupo teve uma média de 80% na taxa de automedicação e o outro, 37%. Os fatores associados, segundo o estudo, são maior conhecimento sobre doenças e terapêutica, condição econômica, experiência anterior com o

fármaco, falta de tempo e visão da banalidade da doença (OLAYEMI, OLAYINKA E MUSA, 2009).

## **2.1.8. METODOLOGIA**

### **2.1.8.1. TIPO DE ESTUDO**

Trata-se de um estudo do tipo observacional, transversal, descritivo e analítico.

### **2.1.8.2. LOCAL E PERÍODO DE REALIZAÇÃO**

A pesquisa será realizada no município de Passo Fundo, uma cidade de médio porte no interior do Rio Grande do Sul, ocorrendo no período de fevereiro a dezembro de 2018.

### **2.1.8.3. POPULAÇÃO E AMOSTRAGEM**

A população do estudo é composta por acadêmicos de nível superior. Nesse sentido, será feita uma amostragem aleatória simples, formada por estudantes de graduação de duas instituições de ensino superior do interior do Rio Grande do Sul, sendo graduandos do curso de Medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e alunos de arquitetura e urbanismo e medicina do Instituto Meridional (IMED). Os estudantes maiores de 18 anos que estiverem devidamente matriculados nos cursos avaliados serão incluídos na pesquisa. Já os questionários respondidos de forma incompleta serão excluídos.

O cálculo amostral foi realizado de dois modos. O primeiro, para identificar a prevalência da automedicação (estimada em 20% para o tempo de resgate da prática) admitindo-se uma margem de erro de cinco pontos percentuais, resultou em 246 participantes. O segundo, para identificar associação entre a automedicação nos últimos seis meses (variável dependente) e as diferentes variáveis independentes, tendo como base uma razão de não expostos/expostos de 4:6, prevalência total do desfecho de 20%, prevalência esperada do desfecho em não expostos de 12,5% e, RP de 2. Assim, seriam necessários 355 participantes, que acrescidos de 15% para fatores de confusão, totaliza uma amostra de 408 participantes.

### **2.1.8.4. VARIÁVEIS, INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS E LOGÍSTICA**

As variáveis independentes analisadas serão idade, sexo, curso e instituição de ensino. Já a variável dependente considerada será de automedicação nos últimos seis meses, caracterizado quanto à: motivo da automedicação; frequência; medicamento usado; indicação; percepção de risco da prática.

Os dados serão coletados diretamente via *online* com os acadêmicos através de questionário elaborado especificamente para esse estudo e de caráter autoaplicável (apêndice 1), com perguntas relevantes a respeito da prática de automedicação e percepção de possível risco dessa por parte dos graduandos. O questionário é formado inteiramente por perguntas

fechadas, a não ser nas quais há espaço para o acadêmico preencher “outro”, devido à resposta do acadêmico não se enquadrar nas alternativas. A pesquisa será realizada através da plataforma eletrônica *Google Forms*<sup>®</sup>, de distribuição livre.

O questionário será mandado para todos os alunos matriculados no curso de medicina e de arquitetura e urbanismo da IMED e todos os matriculados no curso de medicina da UFFS, com o intuito de atingir a amostra calculada. Para envio do questionário *online* para os alunos, será solicitado a lista dos *e-mails* dos acadêmicos às coordenações dos cursos, e, assim que houver resposta, será enviado o convite para participar da pesquisa para a lista recebida, além de um texto explicativo no corpo do *e-mail*, o qual elucidará o fato de ser uma pesquisa referente a um trabalho de conclusão de curso e os motivos dessa.

#### **2.1.8.5. PROCESSAMENTO, CONTROLE E QUALIDADE DOS DADOS**

Os resultados dos questionários serão obtidos em forma de planilha pela plataforma *Survey Monkey*<sup>®</sup>. Para análise dos dados será utilizado o programa PSPP<sup>®</sup> (distribuição livre), compreendendo distribuição absoluta e relativa de frequências e verificação da associação entre a variável dependente e as independentes por meio de teste de Qui-Quadrado de *Pearson*, considerando-se um nível de significância estatística de 95%.

#### **2.1.8.6. ASPECTOS ÉTICOS**

Este estudo será realizado de acordo com a Resolução nº 466/2012 da Comissão Nacional de Ética e Pesquisa (CONEP). Será, também, submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), através do sistema eletrônico Plataforma Brasil. A Ciência e Concordância das instituições onde serão realizadas as coletas dos dados e seleção da amostra também será solicitada. A cada participante será requerido o consentimento por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 2), o qual será disponibilizado juntamente ao questionário eletrônico. Os possíveis riscos são de constrangimento ao responder o questionário e o de identificação do acadêmico. Visando minimizar esses riscos, será orientado no TCLE que o participante poderá responder ao questionário em local reservado e sozinho, para evitar constrangimento, além da possibilidade de desistir a qualquer momento. Também será orientado que nenhum dado que possa identificar o acadêmico será divulgado. Devido à natureza do estudo, não há benefício direto aos participantes. No entanto, há um benefício indireto, que diz respeito à contribuição do trabalho para a comunidade acadêmica e

científica, visto que adquirir o perfil do hábito de automedicação dos alunos de ensino superior pode auxiliar na discussão a respeito desse tema e do controle de medicamentos prescritos, além da autorreflexão sobre a prática por parte dos entrevistados. Será mandado para os *e-mails* dos participantes o resultado das pesquisas, após o término da realização da pesquisa, quando houver os dados publicados. O material será mantido gravado por cinco anos em arquivo digital, sendo, após esse tempo, eliminado conforme protocolo do sistema operacional.

### 2.1.9 RECURSOS

MATERIAL	CUSTO UNITÁRIO	QUANTIDADE	TOTAL
Horas internet	R\$ 2,00	10	R\$ 20,00
Impressão	R\$ 0,20	100	R\$ 20,00
Encadernação	R\$ 10,00	3	R\$ 30,00
Folha A4 1 pacote	R\$ 20,00	1	R\$ 20,00
			<b>R\$ 90,00</b>

\*Os gastos orçamentários serão custeados pelo pesquisador.

### 2.1.10. CRONOGRAMA

ATIVIDADES/ PERÍODO	Mês 01	Mês 02	Mês 03	Mês 04	Mês 05	Mês 06	Mês 07	Mês 08	Mês 09	Mês 10	Mês 11	Mês 12
REVISÃO DE LITERATURA								<b>17</b>	<b>17</b>	<b>17</b>	<b>17</b>	
COLETA DE DADOS										<b>18</b>	<b>18</b>	
PROCESSAMENTO E ANÁLISE DE DADOS			<b>19</b>	<b>19</b>								
REDAÇÃO E DIVULGAÇÃO DOS DADOS					<b>19</b>	<b>19</b>						

### 2.1.11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARRAIS, P.S.D et al. Prevalência de automedicação no Brasil e fatores associados. Revista de saúde pública. São Paulo. Vol. 50, supl. 2 (2016), p. 1s-11s.
2. BADIGER, S. et al. Self-medication patterns among medical students in South India. Australas Med J, v. 5, n. 4, p. 217-20, 2012. ISSN 1836-1935.
3. BENNADI, D. Self-medication: A current challenge. In: (Ed.). J Basic Clin Pharm. India, v.5, 2013. p.19-23.
4. BURAK, L. J.; DAMICO, A. College students' use of widely advertised medications. J Am Coll Health, v. 49, n. 3, p. 118-21, Nov 2000. ISSN 0744-8481
5. GUPTA, S. et al. Cluster of differentiation 4+ T-cell counts and human immunodeficiency virus-1 viral load in patients coinfecting with hepatitis B virus and hepatitis C virus. Tropical Journal of Medical Research, v. 19, n. 2, p. 162-167, April 1, 2016 2016. ISSN 1119-0388. Disponível em: < <http://www.tjmrjournal.org/article.asp?issn=1119-0388> >.
6. KELLY, J. M. Implementing a patient self-medication program. Rehabil Nurs, v. 19, n. 2, p. 87-90, 95, Mar-Apr 1994. ISSN 0278-4807
7. LOYOLA FILHO, A. I. D. et al. Prevalence and factors associated with self-medication: the Bambuí health survey. Revista de saúde pública, v. 36, n. 1, p. 55-62, 2002. ISSN 0034-8910.
8. OLAYEMI, O.; OLAYINKA, B.; MUSA, A. I. Evaluation of Antibiotic Self-Medication Pattern Amongst Undergraduate Students of Ahmadu Bello University (Main Campus), Zaria. 2010. 35-38.
9. SARAHROODI, S. et al. Antibiotics Self-Medication among Southern Iranian University Students. 2010.
10. SD, S. et al. Comparative study of evaluation of self-medication practices in first and third year medical students. 2011.
11. SOUZA, L. A. F. et al. The prevalence and characterization of self-medication for obtaining pain relief among undergraduate nursing students. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 19, p. 245-251, 2011. ISSN 0104-1169. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692011000200004&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692011000200004&nrm=iso) >.
12. VILARINO, J. F. et al. Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. Revista de Saúde Pública, v. 32, p. 43-49, 1998. ISSN 0034-8910. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89101998000100006&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101998000100006&nrm=iso) >.
13. VITOR, R. S. et al. Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS. Ciência & Saúde Coletiva, v. 13, p. 737-743, 2008. ISSN 1413-8123. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232008000700024&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000700024&nrm=iso) >.

14. VOLPATO, D. E. et al. Use of antibiotics without medical prescription. Brazilian Journal of Infectious Diseases, v. 9, p. 288-291, 2005. ISSN 1413-8670. Disponível em: <  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-86702005000400004&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-86702005000400004&nrm=iso)>.

15. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Guidelines for the regulatory assessment of medicinal products for use in self-medication. Geneva: WHO; 2000.

## 2.1.12. APÊNDICES

### APÊNDICE A

#### QUESTIONÁRIO

1) Qual curso você está matriculado no momento?

Arquitetura e Urbanismo

Medicina

2) Qual instituição você faz parte?

UFFS

IMED

3) Qual seu sexo biológico?

Masculino

Feminino

4) Qual sua idade?

R : \_ \_

5) A sua renda familiar mensal é, aproximadamente:

Menor de 1000 reais

entre 1000 e 3000 reais

- ] entre 3000 e 5000 reais
- ] entre 5000 e 10000 reais
- ] mais de 10000 reais
- ] Não sei

6) Você tomou remédio **SEM prescrição** médica nos últimos 6(seis) meses?

- ) SIM
- ) NÃO

7) Para que situação você se automedica/automedicou? (Pode haver mais de uma resposta)

- ] Dor de cabeça
- ] Dor muscular
- ] Gripe
- ] Febre
- ] Enjoo/Náusea
- ] Outro (especifique): \_\_\_\_\_

8) Qual medicamento você utilizou **SEM** prescrição médica nos últimos 6(seis) meses?

(Pode haver mais de uma resposta)

- ] Anti-inflamatório (Aspirina, ibuprofeno, diclofenaco)
- ] Analgésico/antipirético (dor e febre: paracetamol, dipirona,..)
- ] Antibiótico
- ] Antiemético (Vonau<sup>®</sup>, Plasil<sup>®</sup>)
- ] Antiespasmódico (Buscopan<sup>®</sup>)
- ] Remédio para dormir (Rivotril<sup>®</sup>, Zolpidem<sup>®</sup>)
- ] Remédio para transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (Ritalina<sup>®</sup>)
- ] Antidepressivo/ansiolítico
- ] Anticoncepcional
- ] Outros (especifique): \_\_\_\_\_

9) Por qual motivo você se automedicou? (Pode haver mais de uma resposta)

- ] Falta de tempo para ir ao médico
- ] Considerei a doença/sintoma muito banal para necessitar de uma consulta médica
- ] Acredito nos meus conhecimentos ou nos conhecimentos de quem me indicou

Já havia tomado o remédio antes

Outro (especifique): \_\_\_\_\_

10) Qual a fonte de informação para você tomar/ter tomado o remédio sem a prescrição médica?

Família

Colegas ou amigos

Professor

Balconista da farmácia/farmacêutico

Livro

Internet

Outro (especifique): \_\_\_\_\_

11) Com qual frequência você toma remédio sem prescrição médica?

Nunca

Raramente

Ocasionalmente

Frequentemente

Sempre que tomo remédio

12) Você toma medicação para alguma doença crônica de modo contínuo?

Sim

Não

13) SE você respondeu sim na questão anterior, especifique a medicação:

\_\_\_\_\_

14) “A automedicação é uma prática potencialmente perigosa”

Concordo plenamente

Concordo

Não concordo nem discordo

Discordo

Discordo plenamente

## APÊNDICE B

### **Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UFS**

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

##### *AUTOMEDICAÇÃO EM ACADÊMICOS DE GRADUAÇÃO*

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa automedicação em acadêmicos de graduação desenvolvida por Gabriel Dill Rizzato, discente de graduação em Medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFS), campus de Passo Fundo, sob orientação da Professora Me. Daniela Teixeira Borges.

O objetivo central do estudo é: descrever a prevalência de automedicação em acadêmicos de graduação nos cursos de dois cursos de ensino superior (Medicina e Arquitetura e Urbanismo). Pela importância dessa prática na saúde pública, faz-se necessário a existência de pesquisas que descrevam sua prevalência e fatores associados no meio acadêmico.

O convite a sua participação se deve a você ser estudante de graduação devidamente matriculado em sua instituição.

Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de questionário eletrônico.

O tempo de duração de preenchimento do questionário é de aproximadamente 15 (quinze) minutos.

Os questionários serão armazenados, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas o pesquisador e sua orientadora.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo digital, por um período de cinco anos.

A participação na pesquisa poderá causar riscos, como constrangimento ao preencher o questionário, situação na qual você poderá desistir de participar e pode ser minimizada se você responder ao questionário em local reservado e sozinho, e quebra de sigilo, a qual será minimizada visto que nenhum dado que possa lhe identificar será divulgado.

Os resultados serão divulgados em eventos e/ou publicações científicas mantendo sigilo dos dados pessoais.

Passo Fundo, \_\_ de \_\_\_\_\_ de 201\_\_

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS

Tel. e Fax:(49) 2049-3745

E-Mail: cep.uffs@uffs.edu.br

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS, Rua Capitão Araújo, 20, Centro. CEP: 99010200. Município: Passo Fundo-RS.

## **2.1. RELATÓRIO DE PESQUISA**

### **2.2.1. APRESENTAÇÃO**

O objetivo do relatório é detalhar o projeto de pesquisa “Automedicação em acadêmicos de graduação”, mostrando como desenvolveu-se o trabalho e as alterações realizadas no decorrer de sua elaboração.

### **2.2.2. DESENVOLVIMENTO**

#### **2.2.2.1. LOGÍSTICA DA COLETA DE DADOS**

O projeto foi enviado a primeira vez para o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFFS (via Plataforma Brasil) dia 04/07/18 (sendo recusado por falta de documentos. Após ajustes, foi submetido novamente dia 27/08/18 (Anexo A), voltando com pendências, que foram ajustadas, e, após o envio dia 05/10/18, o projeto foi aprovado no dia 01/11/18 (Anexo B). Após aprovação no comitê, foi enviado o questionário para a secretaria da medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul e para as coordenações dos cursos de medicina e arquitetura e urbanismo do Instituto Meridional (IMED), que repassariam aos alunos o questionário.

#### **2.2.2.2. PERÍODO DE COLETA DE DADOS**

A coleta dos dados iniciou-se em novembro de 2018 e terminou em maio de 2019. Ainda, trinta questionários impressos, idênticos ao eletrônico, foram aplicados pelo pesquisador em alunos de medicina da UFFS e em estudantes de arquitetura e urbanismo da IMED, para obter uma amostra mais volumosa.

## ANEXO A – COMPROVANTE DE ENVIO AO CEP



UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL - UFFS

**COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** AUTOMEDICAÇÃO EM ACADÊMICOS DE GRADUAÇÃO

**Pesquisador:** Daniela Teixeira Borges

**Versão:** 2

**CAAE:** 97162318.8.0000.5564

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS

**DADOS DO COMPROVANTE**

**Número do Comprovante:** 101246/2018

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

Informamos que o projeto AUTOMEDICAÇÃO EM ACADÊMICOS DE GRADUAÇÃO que tem como pesquisador responsável Daniela Teixeira Borges, foi recebido para análise ética no CEP Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS em 30/08/2018 às 14:55

## ANEXO B – COMPROVANTE DE APROVAÇÃO NO CEP



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA****Título da Pesquisa:** AUTOMEDICAÇÃO EM ACADÊMICOS DE GRADUAÇÃO**Pesquisador:** Daniela Teixeira**Borges Área Temática:****Versão:** 2**CAAE:** 97162318.8.0000.5564**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio**DADOS DO PARECER****Número do Parecer:** 2.995.990**Apresentação do Projeto:**

Já apresentado em parecer anterior.

**Objetivo da Pesquisa:**

Já apresentado em parecer anterior.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Já apresentado em parecer anterior.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisadora atendeu as pendências indicadas pelo CEP.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

A pesquisadora atendeu as pendências indicadas pelo CEP.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há impedimentos éticos ao desenvolvimento do estudo.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Prezado (a) Pesquisador(a)

A partir desse momento o CEP passa a ser corresponsável, em termos éticos, do seu projeto de pesquisa – vide artigo X.3.9. da Resolução 466 de 12/12/2012.

Fique atento(a) para as suas obrigações junto a este CEP ao longo da realização da sua pesquisa.

Tenha em mente a Resolução CNS 466 de 12/12/2012, a Norma Operacional CNS 001/2013 e o



Continuação do Parecer: 2.995.990

Capítulo III da Resolução CNS 251/1997. A página do CEP/UFFS apresenta alguns pontos no documento “Deveres do Pesquisador”.

Lembre-se que:

1. No prazo máximo de 6 meses, a contar da emissão deste parecer consubstanciado, deverá ser enviado relatório parcial a este CEP (via NOTIFICAÇÃO, na Plataforma Brasil) referindo em que fase do projeto a pesquisa se encontra. Veja modelo na página do CEP/UFFS. Um novo relatório parcial deverá ser enviado a cada 6 meses, até que seja enviado o relatório final.
2. Qualquer alteração que ocorra no decorrer da execução do seu projeto e que não tenha sido prevista deve ser imediatamente comunicada ao CEP por meio de EMENDA, na Plataforma Brasil. O não cumprimento desta determinação acarretará na suspensão ética do seu projeto.
3. Ao final da pesquisa deverá ser encaminhado o relatório final por meio de NOTIFICAÇÃO, na Plataforma Brasil. Deverá ser anexado comprovação de publicização dos resultados. Veja modelo na página do CEP/UFFS.

Em caso de dúvida:

Contate o CEP/UFFS: (49) 2049-3745 (8:00 às 12:00 e 14:00 às 17:00) ou cep.uffs@uffs.edu.br;

Contate a Plataforma Brasil pelo telefone 136, opção 8 e opção 9, solicitando ao atendente suporte

Plataforma Brasil das 08h às 20h, de segunda a sexta;

Contate a “central de suporte” da Plataforma Brasil, clicando no ícone no canto superior direito da página eletrônica da Plataforma Brasil. O atendimento é online.

Boa pesquisa!

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1052747.pdf	05/10/2018 11:38:04		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	TCC_MODIFICADO.pdf	05/10/2018 11:37:30	GABRIEL DILL RIZZATTO	Aceito

Outros	Questionario.odt	05/10/2018 11:36:40	GABRIEL DILL RIZZATTO	Aceito
Parecer Anterior	Formulario_resposta_cep.odt	05/10/2018	GABRIEL DILL	Aceito

Página 02 de

Continuação do Parecer: 2.995.990

Parecer Anterior	Formulario_resposta_cep.odt	11:32:20	RIZZATTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_MODIFICADO.odt	05/10/2018 11:28:34	GABRIEL DILL RIZZATTO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.odt	27/08/2018 00:08:40	GABRIEL DILL RIZZATTO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	concordancia2.pdf	27/08/2018 00:06:54	GABRIEL DILL RIZZATTO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Concordancia1.pdf	27/08/2018 00:06:47	GABRIEL DILL RIZZATTO	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	04/07/2018 11:50:52	GABRIEL DILL RIZZATTO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CHAPECO, 01 de Novembro de 2018

**Assinado por:**  
**Valéria Silvana Faganello Madureira**  
**(Coordenador(a))**

## 2. ARTIGO CIENTÍFICO

Artigo científico elaborado nos moldes da Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade.

### **PREVALÊNCIA DE AUTOMEDICAÇÃO EM ACADÊMICOS DE GRADUAÇÃO E FATORES ASSOCIADOS**

Gabriel Dill Rizzato<sup>1</sup>, Daniela Teixeira Borges<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul/Campus Passo Fundo.

<sup>2</sup> Professora do curso de medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul/Campus Passo Fundo.

#### **RESUMO**

**Objetivo:** Descrever a prevalência de automedicação em acadêmicos de graduação de dois diferentes cursos de graduação e fatores associados à prática. **Métodos:** Estudo transversal realizado através de questionário auto aplicado, no período de 2018 a 2019, em acadêmicos de medicina e arquitetura e urbanismo de duas instituições da cidade de Passo Fundo, no interior do Rio Grande do Sul. A amostra foi de 250 estudantes. Na análise estatística, o cálculo de Qui-Quadrado de *Pearson* foi realizado para verificar significância estatística. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Fronteira Sul. **Resultados:** A prevalência de automedicação encontrada foi de 88,3% (IC95: 83-92). A amostra foi composta principalmente por estudantes de medicina (84%), mas também por acadêmicos de arquitetura e urbanismo (16%). A maioria era do sexo feminino (67%), de idade entre 20 e 25 anos (72%), com renda mensal familiar média de 1 a 10 salários mínimos. A dor de cabeça foi a condição mais prevalente que incentivou a automedicação (87%). Os analgésicos (92%) e anti-inflamatórios (77%) foram os medicamentos mais utilizados. O motivo que mais levou a automedicação foi o julgamento da doença ou sintoma experimentado como banal (36%). Os livros e artigos científicos foram as fontes de informação para a automedicação mais consultadas (29%), a maioria praticava automedicação menos de uma vez por mês (59%) e percebia a prática como potencialmente danosa à saúde (92%). **Conclusões:** A automedicação na graduação é um tema que vem sendo cada vez mais estudado, visto seus possíveis riscos e impactos na saúde dos estudantes e da população de forma geral. A prevalência de automedicação entre acadêmicos foi semelhante àquelas encontradas em outros estudos nacionais e internacionais, que demonstram altos índices dessa prática na comunidade.

Palavras chave: Automedicação; Estudantes; Prevalência.

#### **INTRODUÇÃO**

A automedicação consiste na utilização de medicamentos com o objetivo de tratar sintomas e desordens reconhecidos pelo próprio usuário, além da utilização de prescrições pertencentes a receitas antigas<sup>1</sup>. A boa prática de automedicação em casos de sintomas ou doenças pouco graves pode levar a diminuir a carga dos

sistemas de saúde<sup>1</sup>, porém os riscos da automedicação incluem o aumento de resistência bacteriana<sup>2</sup>, autodiagnóstico impreciso, escolha incorreta da terapia, não reconhecimento de contraindicações ou interações farmacológicas, uso prolongado indevido, risco de dependência, além de mascarar os sintomas, podendo permitir e contribuir para a progressão da doença de base<sup>1,3</sup>. Até mesmo alguns fármacos bastante difundidos, como os analgésicos, podem causar adversidades, como reações de hipersensibilidade, dependência, hemorragia digestiva e sintomas de retirada<sup>4</sup>.

Questões culturais e econômicas têm contribuído para o aumento das taxas de automedicação em todo o mundo, tornando-a um problema de saúde pública<sup>5</sup>. Outros fatores que podem afetar as taxas de automedicação são a possibilidade de compra de medicamentos sem receita médica<sup>4</sup> e a propaganda da indústria farmacêutica na televisão, revistas e outros meios<sup>6</sup>.

No Brasil, em um estudo transversal de base populacional, encontrou-se uma prevalência de automedicação de 16,1%, considerando os 15 dias anteriores a entrevista<sup>7</sup>.

A prática de automedicação entre estudantes, principalmente da área da saúde, vem sendo estudada em diversas partes do mundo, mostrando altas taxas do hábito nesse grupo<sup>8-15</sup>. Essa questão torna-se importante visto que os estudantes da área da saúde serão formadores de opinião a respeito do uso racional de medicamentos<sup>9</sup>.

Uma metanálise conduzida em 2011 na Grécia concluiu que automedicação é difundida dentro do meio médico, considerando que os profissionais já adotavam tal prática desde a graduação. Além disso, também foi discutido que a automedicação inapropriada tem o potencial de impactar negativamente a saúde do médico, contribuindo para o mal tratamento dos pacientes<sup>16</sup> podendo influenciar, também, as futuras decisões profissionais dos acadêmicos<sup>11</sup>.

As principais razões para a prática de automedicação em estudantes da área da saúde, conforme encontrou um estudo realizado na Índia<sup>8</sup>, incluem o julgamento da banalidade da doença, alívio rápido dos sintomas, relutância em gastar dinheiro com médicos e exames e autoconfiança nos conhecimentos médicos.

Os médicos são grandes atores na educação em saúde. Nesse sentido, estudos que obtenham resultados sobre o hábito de automedicação nesse grupo são importantes, visto que mostram a mentalidade e visão do acadêmico a respeito dessa prática. Portanto, esse estudo visou descrever a prevalência de

automedicação em acadêmicos de dois diferentes cursos de duas instituições de ensino no ano de 2018 e 2019, bem como qualificar razão da prática, fonte de informação, fármaco utilizado, frequência e situação pela qual levou o estudante a se automedicar.

## MÉTODOS

Foram entrevistados via questionário autoaplicável *online* (*Google Forms*®) 230 estudantes. Adicionalmente, 20 questionários foram coletados de forma presencial, mantendo o caráter autoaplicável e idêntico ao utilizado na plataforma *online*. Todos os entrevistados foram informados dos objetivos e aceitaram participar da pesquisa, via aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Trata-se de um estudo transversal, sendo a coleta de dados realizada no período de novembro de 2018 a abril de 2019. A amostragem realizada foi a aleatória simples e para o cálculo amostral admitiu-se uma margem de erro de cinco pontos percentuais.

O instrumento de coleta utilizado foi um questionário elaborado pelos pesquisadores e de caráter autoaplicável, com um total de treze (13) questões, formado majoritariamente de perguntas fechadas, sendo apenas uma (semestre atual do acadêmico) aberta. As primeiras seis (6) perguntas indagaram as variáveis independentes: curso, semestre atual do curso, instituição de ensino, identidade de gênero, idade e renda familiar. A questão subsequente visou obter o uso de remédio sem prescrição médica nos últimos 6 (seis) meses. Em caso afirmativo, o participante foi redirecionado a responder a situação a qual se automedicou, quais tipos de medicamentos utilizou, qual o principal motivo de ter se automedicado, qual a fonte de informação que usou e com que frequência faz essa prática. Além disso, a última pergunta do questionário aplicava-se a todos os participantes e averiguava sobre a percepção do estudante a respeito de um potencial perigo da automedicação, na qual o participante poderia responder “concordo”, “discordo” ou “não sei/prefiro não opinar”

O questionário eletrônico foi enviado via *e-mail* e outros endereços eletrônicos a todos os acadêmicos matriculados no curso de medicina de uma universidade federal e de uma privada, além dos alunos do curso de arquitetura e urbanismo da instituição privada pesquisada, ambas pertencendo à cidade de Passo Fundo, no

Rio Grande do Sul. O questionário foi enviado a coordenação dos cursos que distribuiu para o *e-mail* dos alunos. Já o questionário físico foi aplicado com as mesmas orientações do eletrônico, nas salas de aula das mesmas instituições e cursos pelos próprios pesquisadores.

Na análise estatística, foi realizado o teste de Qui-Quadrado de Pearson para o grupo de variáveis, considerando-se um intervalo de confiança estatística de 95%.

O projeto de pesquisa teve financiamento próprio e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, da Universidade Federal da Fronteira Sul, no primeiro dia de novembro de 2018, sob o parecer de número 2.955.990

## RESULTADOS

A prevalência de automedicação dos estudantes nos 6 meses anteriores à coleta foi de 88,3%, com o intervalo de confiança de 95% (IC) variando de 83 a 92%. O perfil dos estudantes encontra-se na Tabela 1. A maioria dos participantes era do sexo feminino e cursava medicina, predominando a idade de 20 a 25 anos, renda de 1 a 10 salários mínimos, dos semestres iniciais e médios dos cursos.

**Tabela 1.** Caracterização de uma amostra de estudantes de graduação pertencentes a duas instituições de ensino em Passo Fundo, RS. (n=250)

<b>Variáveis</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
<b>Sexo</b>		
Masculino	81	32,5
Feminino	168	67,4
<b>Idade</b>		
Menos de 20 anos	29	11,6
Entre 20-25 anos	179	71,9
Entre 26-30 anos	26	10,4
Entre 30-35 anos	9	3,6
Mais de 35 anos	6	2,4
<b>Renda</b>		
Menos de 1 salário mínimo	7	2,8
Entre 1 e 4 salários mínimos	84	33,7
Entre 4 e 10 salários mínimos	86	34,5
Mais de 10 salários mínimos	45	18,0
Preferiu não responder	27	10,8
<b>Curso</b>		
Arquitetura e Urbanismo	41	16,4
Medicina	208	83,6
<b>Semestre do curso</b>		
Primeiro ao quarto	109	43,7
Quinto ao oitavo	103	41,3

Nono ao décimo primeiro	37	14,8
<b>Instituição</b>		
Pública	181	72,6
Privada	68	27,3
<b>Automedicação nos últimos 6 meses</b>		
Sim	220	88,3
Não	29	11,6

A Tabela 2 caracteriza a prática de automedicação entre os estudantes. A dor de cabeça (86,8%) foi o que mais levou aos estudantes consumirem remédios sem prescrição médica, seguido pela dor muscular (66,3%), resfriado ou gripe (61,5%) e dor de garganta (54,3%). Os analgésicos foram os medicamentos mais utilizados (91,9%), seguido pelos anti-inflamatórios (77,5%). O principal motivo da prática de automedicação (36,8%) foi o julgamento da doença ou sintoma como banais para necessitarem de uma consulta médica. No período analisado, a maioria (58,6%) automedicou-se uma vez por mês ou menos. Além disso, a vasta maioria (92,0%) concordou com a afirmação de que a automedicação é uma prática potencialmente perigosa.

**Tabela 2.** Caracterização da prática de automedicação em uma amostra de estudantes de graduação pertencentes a duas instituições de ensino em Passo Fundo, RS. (n=220)

<b>Variáveis</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
<b>Condições</b>		
Dor de cabeça	182	86,8
Dor muscular	146	66,3
Resfriado/gripe	136	61,5
Dor de garganta	120	54,3
Dor de estômago/pirose	107	48,4
Enjoô/náusea	98	44,3
Sintomas menstruais	90	40,7
Febre	63	28,5
Dificuldade para dormir	47	21,3
Diarreia	39	17,6
Ansiedade ou depressão	34	15,4
Sintomas oculares	31	14,0
Outros	14	6,3
<b>Medicamentos utilizados</b>		
Analgésico	204	91,9
Anti-inflamatório	172	77,5
Antialérgico	96	43,1
Antiemético	93	41,9
Descongestionante nasal	82	36,8
Antiespasmódico	70	31,5
Anticoncepcional oral	50	22,5

Colírio	36	16,2
Antibiótico	34	15,3
Hipnótico/indutor do sono	26	11,7
Psicoestimulante	23	10,4
Antidepressivo	13	5,9
<b>Motivo da prática</b>		
Julgou a doença ou sintomas como banais	81	36,8
Julgou ter conhecimento suficiente	49	22,3
Já havia tomado o remédio antes	37	16,8
Alívio rápido dos sintomas	27	12,3
Falta de tempo	16	7,3
Questões financeiras	6	2,8
Evitar multidões em hospitais/clínicas	3	1,3
Outro	1	0,4
<b>Fonte da informação</b>		
Livro ou artigo científico	63	28,6
Família	46	20,9
Internet	37	16,8
Colegas, amigos ou conhecidos	35	15,9
Outro	22	10,0
Balconista de farmácia/farmacêutico	17	7,7
<b>Frequência</b>		
Uma vez por mês ou menos	129	58,6
Uma vez por semana	53	24,1
Diariamente	13	5,9
Não sabia	13	5,9
Duas, três ou quatro vezes por semana	12	5,4
<b>Opinião sobre automedicação</b>		
Potencialmente danosa	229	92,0
Não potencialmente danosa	13	5,2

A Tabela 3 mostra o cruzamento entre a variável dependente (automedicação nos últimos 6 meses) e as independentes (curso, semestre, instituição, sexo, idade e renda). Ao comparar-se os cursos de medicina e arquitetura e urbanismo, encontrou-se uma diferença estatisticamente significativa na prevalência de automedicação (91,9% a 70,7% [ $p < 0,001$ ], respectivamente). O sexo feminino teve prevalência de automedicação discretamente superior ao masculino. Considerando-se a instituição ser pública ou privada houve diferença estatística importante ( $p < 0,001$ ), porém há o viés de todos os entrevistados do curso de arquitetura e urbanismo estarem matriculados na instituição privada.

**Tabela 3.** Relação da prática de automedicação e as variáveis independentes em uma amostra de estudantes de graduação pertencentes a duas instituições de ensino em Passo Fundo, RS (n=230).

Variáveis	Automedicação
-----------	---------------

	n	Sim %	n	Não %	p*
<b>Sexo</b>					0,51
Masculino	70	86,4	11	13,6	
Feminino	150	89,3	18	10,7	
<b>Idade</b>					0,51
Menos de 20 anos	23	79,3	6	20,7	
Entre 20-25 anos	160	89,4	19	10,6	
Entre 26-30 anos	23	88,5	3	11,5	
Entre 31-34 anos	8	88,9	1	11,1	
Mais de 35 anos	6	100	0	0	
<b>Renda mensal</b>					0,39
Menos de um salário mínimo	6	85,7	1	13,3	
Entre 1 e 4 salários mínimos	75	89,3	9	10,7	
Entre 4 e 10 salários mínimos	76	88,4	10	11,6	
Mais de 10 salários mínimos	42	93,3	3	6,7	
Preferiu não dizer	21	77,8	6	22,2	
<b>Curso</b>					<0,001
Medicina	191	91,8	17	8,2	
Arquitetura e Urbanismo	29	70,7	12	29,3	
<b>Semestre do curso</b>					0,79
Primeiro ao quarto	98	89,9	11	10,1	
Quinto ao oitavo	90	87,4	13	12,6	
Nono ao décimo primeiro	32	86,5	5	13,5	
<b>Instituição</b>					<0,001
Particular	52	76,5	16	23,5	
Pública	168	92,8	13	7,2	

\*p = Qui-Quadrado de *Pearson*

## Discussão

Em relação a outros estudos no Brasil, a prevalência de automedicação dessa pesquisa (88%) foi inferior à encontrada na Paraíba<sup>17</sup> (94%) e em Ribeirão Preto<sup>9</sup> (92%), sendo que esses estudos avaliaram apenas estudantes de medicina. Também foi menor do que se estudou no Amazonas (89%), que considerava discentes de medicina, medicina dentária e enfermagem<sup>12</sup>. A taxa, entretanto, foi superior àquela encontrada em estudantes de Juiz de Fora<sup>18</sup> (76%), estudo que avaliava automedicação em acadêmicos de medicina.

Já no caráter internacional, uma pesquisa conduzida na Índia com estudantes da área médica apontou uma prevalência de 92% de automedicação<sup>10</sup>.

Dentre as razões que mais motivaram os estudantes a usarem medicamento sem prescrição médica em diversos estudos nacionais e internacionais foi o fato da doença ter sido considerada trivial e por esse motivo não precisar de consulta médica<sup>8,10,17</sup> o que vai de encontro aos achados desta pesquisa, em que respectivamente, os motivos elencados para a prática de automedicação foram o julgamento da doença ou sintomas como banais (36,8%) e julgamento de ter conhecimento suficiente (22,3%).

No que se refere ao período do curso em que a automedicação mais ocorre, uma apuração realizada na Índia que comparava taxa de automedicação do primeiro e do terceiro ano do curso de medicina encontrou 78% e 74%, respectivamente, sem significância estatística<sup>11</sup>, corroborando com nossos achados em que, embora haja uma tendência em ser maior no início do curso (89,9%) e ir decrescendo até o final do curso (86,5%), não houve diferença estatística.

Em relação ao tipo de medicamento utilizado, os analgésicos estavam entre os mais utilizados (91,9%), assim como em outros estudos<sup>8-10,17</sup>. Já na questão da automedicação com antibióticos (15,3%), as taxas desse estudo foram extensivamente inferiores àquelas de outras pesquisas com acadêmicos<sup>8-10,14,15,17</sup>, o que poderia refletir efeitos da resolução RDC 20/2011 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), que regulamenta a venda de antimicrobianos, exigindo prescrição.

No que se refere às limitações de nosso estudo, podemos citar a diferença expressiva entre o número de participantes de acadêmicos de medicina e arquitetura e urbanismo, bem como a relação entre acadêmicos de universidade pública e privada.

No entanto, nas fortalezas do estudo pode-se considerar a confiabilidade da acurácia dos dados, visto que quase a totalidade da coleta foi realizada via questionário *online*, o que evita os erros de digitação.

Considerando-se os riscos e as altas taxas de automedicação nesse grupo, faz-se necessário mais pesquisas, sob diferentes enfoques, para que se possa guiar um possível processo de intervenção com os acadêmicos, visando educar os futuros profissionais quanto ao uso racional de medicamentos.

REFERÊNCIAS:

1. Organization WH. WHO Guidelines for the regulatory assessment of medicinal products for use in self-medication. Vol. 14, WHO Drug Information. 2000. p. 18–26.
2. Bennadi D. Self-medication: A current challenge. *J Basic Clin Pharm* [Internet]. 2014;5(1):19. Available from: <http://www.jbclinpharm.org/text.asp?2014/5/1/19/128253>
3. Vilarino JF, Soares IC, Da Silveira CM, Paula A, Rödel P, Bortoli R, et al. Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. *Rev Saúde Pública*. 1998;32(1):48.
4. Vitor RS, Lopes CP, Menezes HS, Kerkoff CE. Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre,RS. *Cien Saude Colet*. 2008;13:737–43.
5. Ignácio de Loyola Filho A, Uchoa E, Guerra HL, A Firmo Maria Fernanda Lima-Costa JO. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. *Rev Saude Publica* [Internet]. 2002;36810(14):55–62. Available from: [www.fsp.usp.br/rsp](http://www.fsp.usp.br/rsp)
6. Burak LJ, Damico A. College students' use of widely advertised medications. *J Am Coll Health Assoc*. 2000;49(3):118–21.
7. Arrais PSD, Fernandes MEP, Pizzol T da SD, Ramos LR, Mengue SS, Luiza VL, et al. Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. *Rev Saude Publica*. 2016;50(supl 2):1–11.
8. Gupta S, Singh M. Self-medication among North Indian first-year undergraduate healthcare students: A questionnaire-based study. *Trop J Med Res*. 2016;19(2):162.
9. Da Silva RCG, Oliveira TM, Casimiro TS, Vieira KAM, Tardivo MT, Faria M, et al. Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. *Med*. 2012;45(1):5–11.
10. Badiger S, Kundapur R, Jain A, Kumar A, Pattanshetty S, Thakolkaran N, et al. Self - medication patterns among medical students in South India. *Australas Med J*. 2012;5(4):217–20.
11. Sontakke S, Bajait C, Pimpalkhute S, Jaiswal K, Jaiswal S. Comparative study of evaluation of self-medication practices in first and third year medical students. *Int J Biol Med Res Int J Biol Med Res* [Internet]. 2011;2(2):561–4. Available from: [https://www.biomedscidirect.com/journalfiles/IJBMRF2011176/comparative\\_study\\_of\\_evaluation\\_of\\_self\\_medication\\_practices\\_in\\_first\\_and\\_third\\_year\\_medical\\_students.pdf](https://www.biomedscidirect.com/journalfiles/IJBMRF2011176/comparative_study_of_evaluation_of_self_medication_practices_in_first_and_third_year_medical_students.pdf)
12. Iuras A, Franco Marques AA, Da Fonseca Roberti Garcia L, Santiago MB, Lima Santana LK. Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade do Estado do Amazonas (Brasil). *Rev Port Estomatol Med Dent e Cir Maxilofac* [Internet]. 2016;57(2):104–11. Available from: <http://dx.doi.org/10.1016/j.rpemd.2016.01.001>
13. Martinez JE, Pereira GA, Ribeiro LG, Nunes R. Estudo da automedicação para dor musculoesquelética entre estudantes dos cursos de enfermagem e medicina da Pontifícia Universidade Católica - São Paulo. *Rev Bras Reumatol*. 2014;4:3–7.
14. Olayemi OJ, Olayinka BO, Musa AI. Evaluation of antibiotic self-medication pattern amongst undergraduate students of Ahmadu Bello University (Main Campus), Zaria. *Res J Appl Sci Eng Technol*. 2010;2(1):35–8.
15. Sarahroodi S, Arzi A, Sawhalla A., Ashtarinejad A. Antibiotic Self-Medication among Southern Iranian University Students. *Int J Pharmacol*. 2010;6(1):48–52.

16. Montgomery AJ, Bradley C, Rochfort A, Panagopoulou E. A review of self-medication in physicians and medical students. *Occup Med (Chic Ill)*. 2011;61(7):490–7.
17. Alencar JL De. Avaliando a Automedicação em Estudantes do Curso de Medicina da Universidade Federal Da Paraíba (UFPB). *Rev Acadêmica do Cent Ciências Médicas da Univ Fed da Paraíba*. 2015;1(1):39–50.
18. José Antonio Chehuen Neto, Mauro Toledo Sirimarco, Cleide Mira Kawata Choi, Alessandro Ubaldo Barreto JBS. Automedicação entre Estudantes de Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. *HU Rev [Internet]*. 1985;32(3):59–64. Available from: <https://hurevista.ufjf.emnuvens.com.br/hurevista/article/view/18>

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A automedicação é uma prática comum na população em geral e, como visto nos artigos prévios, citados nesse trabalho, é relevante nos estudantes de graduação. Esse estudo mostrou que a automedicação também é recorrente nos alunos das instituições pesquisadas. A caracterização dessa prática pode ajudar a entendê-la de forma mais aprofundada e, com a realização de mais estudos, principalmente sob diferentes enfoques e métodos, pode ajudar a traçar um perfil do hábito de automedicação nos acadêmicos, com o intuito de cogitar um processo de intervenção e difundir o uso racional de medicamentos para a comunidade científica, acadêmica e populacional.

Futuros estudos com questionários elaborados de forma mais completa, amostra maior, melhor detalhamento de fármacos e condições que levaram à prática de automedicação e mais cursos de graduação inclusos podem favorecer contribuições impactantes nessa área, que está sendo bastante discutida na comunidade científica.

Esse Trabalho de Conclusão de Curso serviu para uma experiência completa de um primeiro contato dos alunos como pesquisadores, inserindo-os na comunidade científica e possibilitando o incentivo à produção e discussão de temas recorrentes dentro da Universidade, visto que as apresentações dos trabalhos serão abertas para todos os acadêmicos da instituição e para a comunidade como um todo.

ANEXO A – TERMO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO  
ARQUITETURA E URBANISMO IMED

## DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DAS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS

Com o objetivo de atender às exigências para obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, ELIKÁ DEBONI CEOLIN, o representante legal da instituição CURSO ARQUITETURA E URBANISMO IMED envolvida no projeto de pesquisa intitulado "Automedicação em acadêmicos", declara estar ciente e de acordo com seu desenvolvimento nos termos propostos, salientando que os pesquisadores deverão cumprir os termos da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e as demais legislações vigentes.

Daniela Teixeira Borges  
Médica  
CREMESP 00057  
CPF 801.969.000-00

**Daniela Teixeira Borges**

*Elíká Deboni Ceolin*

Elíká Deboni Ceolin  
Coordenadora  
Curso Arquitetura e Urbanismo  
Matrícula 13702 / IMED

Passo Fundo, 08 de agosto de 2018.

ANEXO B – TERMO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO  
MEDICINA IMED

## DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DAS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS

Com o objetivo de atender às exigências para obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, Luiz Artur Rosa Filho, o representante legal da instituição UNIS MEDICINA - IMAQ envolvida no projeto de pesquisa intitulado "Automedicação em acadêmicos", declara estar ciente e de acordo com seu desenvolvimento nos termos propostos, salientando que os pesquisadores deverão cumprir os termos da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e as demais legislações vigentes.

Daniela Teixeira Borges  
 Médico  
 CREMEP 20057  
 CPF 801.969.090-00

**Daniela Teixeira Borges**

  
 Luiz Artur Rosa Filho  
 Coordenador  
 Curso de Medicina  
 Matrícula 14036

Passo Fundo, 03 de agosto de 2018.